Coleção Argentum nostrum

Vicente Thiago Freire Brazil
(Org.)

genealogia da peste

Ed UECE

Fortaleza - 2020

genealogia da peste

© 2020 *copyright by* **organizador**

ISBN: 978-65-86445-45-9

Publicação da EdUECE em coedição com o CMAF/UECE

O conteúdo deste livro, bem como os dados usados e sua fidedignidade, são de responsabilidade exclusiva do organizador. O *download* e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos ao organizador e aos tradutores. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel: (085) 3101-9893
www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br

Editora filiada à

Coordenação Editorial
Erasmo Miessa Ruiz

Capa, contracapa
Brena Kátia Xavier da Silva

Diagramação
Brena Kátia Xavier da Silva
Emanuel Angelo da Rocha Fragoso

Catalogação da Publicação na Fonte
Universidade Estadual do Ceará/Biblioteca Central do Centro de Humanidades
Bibliotecária - Maria do Socorro Soares Rodrigues - CRB-3/1281

B827g Genealogia da peste / organizador Vicente Thiago Freire Brazil. – Fortaleza: EdUECE, 2020.
206 p. PDF. – (Coleção *Argentum Nostrum*)

ISBN: 978-65-86445-45-9

1. Filosofia. 2. Pandemia – COVID-19. 3. História - Epidemias. I. Título. II. Brazil, Vicente Thiago Freire (Org.).

614.49

3

O NASCIMENTO DA CIÊNCIA MODERNA E SUA AMBIÇÃO DE DOMÍNIO DO MUNDO

Marcos Fábio Alexandre Nicolau[1]
Diala de Sousa Silva Nicolau[2]

Introdução

Ao adentrarmos em um debate sobre o mundo contemporâneo, partindo de suas questões e demandas, se faz necessária a apropriação de sua *genealogia*, ou seja, devemos compreender como foi gerado o atual *estado de coisas*, rememorando quais as ideias que condicionam nossa *visão de mundo*.[3] Tal procedimento é essencial para sabermos *quem somos* e *por que somos assim*. A ideia base aqui é que *herdamos* o que *somos* na mesma proporção de que somos responsáveis

1 Doutor em Educação FACED/UFC. Bolsista Produtividade em Pesquisa BPI/FUNCAP. Professor dos Cursos de Graduação e Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA e do Mestrado Profissional em Filosofia UFC/UFPR. E-mail: marcosmcj@yahoo.com.br.
2 Mestranda em Filosofia MAF-UVA. Graduada em Pedagogia (UNIP) e Teologia (ITEP). E-mail: dialanicolau@gmail.com.
3 Sobre o termo *Weltanschauung*, essencial para nosso intento aqui, Heidegger esclarece que "a visão de mundo sempre encerra em si a visão da vida. A visão de mundo emerge de uma meditação conjunta sobre o mundo e o ser-aí humano [*menschliches Dasein*]; e isso, por sua vez, ocorre de maneiras diversas [...] não se compreende por esse termo apenas a concepção da conexão entre as coisas naturais, mas, ao mesmo tempo, uma interpretação do sentido e da finalidade do ser-aí humano e, com isso, da história [*Geschichte*]" (HEIDEGGER, 2012, p. 13).

pelo que posteriormente nos *tornamos*.[4] Nosso processo civilizatório (em seu âmbito social, político, econômico e educacional) depende de nossa capacidade de *fazer ciência*, pois ao estabelecer os parâmetros a partir dos quais interpretamos e interagimos com o mundo (no sentido social e ecológico do termo)[5], estabelecemos também nosso modo de vida e as consequências do mesmo na sociedade e no meio ambiente. Apreender nossa maneira de fazer ciência também nos proporciona uma análise crítica dos resultados obtidos por ela até então, determinando a necessidade e a urgência de uma ruptura com seus parâmetros em nome de um ideal de conscientização e responsabilidade para com nosso mundo.

4 Nesse sentido, Sartre é enfático: "A liberdade humana precede a essência do homem e torna-a possível: a essência do ser humano acha-se em suspenso na liberdade. Logo, aquilo que chamamos liberdade não pode se diferenciar do ser da 'realidade humana'. O homem não é primeiro para ser livre depois: não há diferença entre o ser do homem e seu 'ser-livre'. Portanto, não se trata aqui de abordar de frente questão que só pode ser tratada exaustivamente à luz de rigorosa elucidação do ser humano; precisamos enfocar a liberdade em conexão com o problema do nada e na medida estrita que condiciona sua aparição" (SARTRE, 2011, p. 68).

5 Cabe afirmar aqui que por Mundo não se entende meramente o planeta Terra, mas um conceito muito mais complexo, como explicara Morão, na apresentação ao importante texto **Os Tipos de Concepção do Mundo e o seu Desenvolvimento nos Sistemas Metafísicos,** de W. Dilthey: "[...] o mundo é simultaneamente impressão afectiva, determinação axiológica e objecto-fim. Quer isto dizer que o mundo, como grandeza independente, é simples abstracção, pois o Si mesmo e o mundo são correlatos, mas não apenas ao nível da representação. Esta juntura implica-nos como seres vivos, sencientes, imaginativos, intelectuais e práticos. Sentimento, conceito, vontade e impulso co-envolvem-se numa urdidura inextricável. De facto, o pensamento não pode ir além da exterioridade recíproca do Si mesmo e do meio empírico, com as suas resistências." (MORÃO, Online, p. 1-2).

Mas, falar de ciência não é algo fácil e muito menos simples, pois ela extrapola qualquer verbete de dicionário[6]. Identificá-la com o conjunto de métodos de pesquisa, ou com a aquisição e transmissão de conhecimentos, ou mesmo com o desenvolvimento de técnicas e tecnologias, não dá conta do que ela realmente representa na historia humana. Na verdade, nossa tarefa aqui nem vai tão longe. Visamos esclarecer que, além dessas diversas definições, o estabelecimento de um modelo de ciência nos faz assumir uma ideologia e essa, por sua vez, rege o mundo.

Se concordarmos que a ciência é um processo que objetiva o desenvolvimento do homem e de sua relação com a natureza, percebemos que ela não afeta apenas nosso intelecto, mas também nossos hábitos, nossa afetividade, nossos valores estéticos e éticos. Nossas capacidades e habilidades são proporcionais ao nosso acúmulo de conhecimento, à nossa cultura! Não por acaso, a ciência é marcada por um processo contínuo e dinâmico, pois é produzida a partir de nossas vivências e experiências – que não deixam de ser por ela também mediadas.

O HOMEM QUE FAZ CIÊNCIA E É REFEITO POR ELA

Assim, a ciência é feita pelos homens, que por sua vez são determinados em sua existência pelos avanços proporcionados por ela. Mas o que é o homem que faz ciência? O que o torna diferente dos outros seres, a ponto de se preocupar com a melhor forma de conduzir

6 A definição enciclopédica de Freire-Maia é: “Ciência é um conjunto de descrições, interpretações, teorias, leis, modelos, etc., visando ao conhecimento de uma parcela da realidade, em contínua ampliação e renovação, que resulta da aplicação deliberada de uma metodologia especial (metodologia científica)”. (FREIRE-MAIA, 1990, p. 24).

a si e à natureza? Ao longo da história temos uma diversidade muito rica de concepções antropológicas, no entanto, não cabe aqui abordar a todas, muito menos dizer qual delas é a mais válida ou eficaz, queremos tão somente refletir sobre a natureza humana e entender essa íntima relação do homem com a ciência. Para tal, se faz necessário saber o que nos impele a questionar, ou seja, o que nos leva ao interesse de saber o que somos, e o que podemos e devemos fazer a partir disso. Essa questão trata de nossa condição natural de curiosos, de investigadores, de pesquisadores.

Os filósofos antigos afirmavam que o homem é um ser que *admira*, ou seja, um ser que *se espanta* com tudo aquilo que desconhece ou não entende. Afirmam ser essa a causa da invenção da filosofia.[7] Por isso, compreender essa condição de seres curiosos, investigadores, pesquisadores, significa analisar a verdadeira sede da ciência em nós. A verdade é que somos seres bastante incomodados, instigados a obter sentido em tudo que percebemos e fazemos. Essa constante busca pelo sentido das coisas e de nossos atos nos é imposta por algo que nos separa das demais criaturas do planeta: nossa condição pensante, nossa razão, nossa atitude crítica perante a vida, que busca encontrar estruturas lógicas em tudo.

Sir Isaac Newton, em uma carta para Robert Hooke (de 15 de fevereiro de 1676), foi emblemático ao afirmar: "Se vi mais longe, foi por estar de pé sobre ombros de gigantes" (HAWKING, 2010, p. 11), o que não só justifica,

7 Como bem podemos ver em Silva: "[...] compartilhamos as palavras de Schopenhauer: "o homem é o único animal que se surpreende de existir e a si mesmo pergunta o que é". O "assombro", então, a "surpresa", a "admiração" é a experiência presente na história da filosofia, e é, também, a categoria que nos ajudará a des-velar a questão do ser." (SILVA, 1994, p. 6).

mas academicamente nos obriga a recorrer aos gigantes da tradição ocidental que dedicaram considerável parte de seu pensamento a questão do homem. No decorrer da modernidade esse tema fora discutido e reelaborado, passando do mero levantar da questão para a tentativa de responder a mesma. Nessa esteira, o filósofo liberal John Locke se debruçou sobre a questão humana e com sua postura empirista, o inglês afirmou em tom objetivo que o homem é: "um ser pensante, inteligente, dotado de razão e reflexão, e que pode considerar-se a si mesmo como um eu, ou seja, como o mesmo ser pensante, em diferentes tempos e lugares" (LOCKE, 1986, p. 318). Teríamos então um sujeito, um "eu" a ser definido, que estava para além da discussão teórica.

Diante de questões antropológicas, podemos afirmar que nunca suas perguntas e respostas estarão totalmente esgotadas, vivemos em uma interpelação constante, pois enquanto existir a capacidade de pensar existirá a dúvida e a necessidade da pergunta e da resposta. Outro fator preponderante para essa interpelação é o conhecimento limitado, parcial, que o homem tem de si mesmo e de tudo que o cerca, pois ele está em constante construção: eis aqui o desenvolver da *Cultura*.

Ciência, homem e cultura

Assim como os conceitos de *ciência* e *homem*, o conceito de *cultura* também tem a sua complexidade, pois este termo evoca diferentes enfoques que ocorreram ao longo da história humana, podendo ser definido de diversas maneiras. Primeiramente apreendamos sua etimologia:

> Cultura é palavra de origem latina e em seu significado original está ligada às atividades

> agrícolas. Vem do verbo latino *colere*, que quer dizer cultivar. Pensadores romanos antigos ampliaram esse significado e a usaram para se referir ao refinamento pessoal, e isso está presente na expressão cultura da alma. Como sinônimo de refinamento, sofisticação pessoal, educação elaborada de uma pessoa, cultura foi usada constantemente desde então e é até hoje. (SANTOS, 1983, p. 27).

Essa compreensão foi também compartilhada pelo documento com as **Conclusões da Conferência Episcopal de Puebla**, citada por Rabuske:

> Com a palavra 'cultura' inicia-se a maneira particular como, num povo, os homens cultivam suas relações com a natureza, entre si mesmos e com Deus, de modo que possam chegar a um nível verdadeira e plenamente humano. É 'o estilo de vida comum' que caracteriza os diversos povos; por isso é que se fala de pluralidade cultural (CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE PUEBLA, 1979, p. 264-265 apud RABUSKE, 1986, p. 47).

Temos, portanto, a construção de uma analogia que se deu primeiramente pelo cuidado que o homem tinha no plantio e sucessivamente no cuidado com o desenvolvimento de suas capacidades e potencialidades intelectuais e sociais, sendo assim a cultura se tornou um fator de desenvolvimento para a humanidade. Essa habilidade de interferir no mundo, de criar e recriar, é o que nos faz seres culturais, segundo Morais:

> Todo ser humano, ao vir ao mundo, encontra-se no interior de uma complicada trama de formas, costumes, sons de linguagem, sistemas relacionais e instituições. A essa primeira herança que o recém-nascido recebe temos dado o nome de cultura. Como conceitua o antropólogo C. Kluckhohn: "É a nossa herança social, em contraste com a nossa herança orgânica. É um dos fatores importantes que nos

> permitem viver juntos em uma sociedade organizada, fornecendo-nos soluções prontas aos nossos problemas, ajudando-nos a prever o comportamento dos outros e permitindo que os outros saibam o que esperar de nós" (KLUCKHOHN, 1963, p. 36-37 apud MORAIS, 1992, p. 19).

A cultura é a nossa herança intelectual e social que abrange a totalidade da vida de um povo, ela nos ajuda a viver e a desenvolver uma sociedade organizada, sendo, de certo modo, um tipo de consciência coletiva, a soma de padrões de comportamento, que envolve todas as experiências vividas, sejam o conhecimento adquirido, a língua falada, as artes, os valores e contravalores, as questões morais e éticas, as estruturas de convivência social, as instituições, as crenças religiosas etc. (cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL DE PUEBLA, 1979, p. 267 apud RABUSKE, 1986, p. 47).

Podemos agora, com um maior embasamento teórico, afirmar que a cultura é o mote da transformação que o ser humano realiza no mundo de forma livre e consciente. Por meio da cultura o homem se percebe no mundo e nele se enraíza, por ela orienta sua vida privada e coletiva, e é através dela que recria o que já foi criado por suas gerações passadas. Podemos afirmar então que é pela cultura que o homem passa a ser no mundo, passa a possuir uma identidade, uma personalidade que o permite não apenas estar no mundo, mas de tentar moldá-lo a suas necessidades, assumindo o caráter de agente de transformação desse mundo – seja ela benéfica ou não. A cultura constitui o que somos e o mundo que desejamos – ainda que não necessariamente constitua o mundo que *precisamos*, o que seria o ideal –, por isso, insistimos nessa ideia, o homem é fruto dessa cultura e ao mesmo tempo é cultivador dela.

Entretanto, na maioria das vezes o homem é mais fruto do que cultivador. Dessa forma, podemos afirmar que a cultura é em parte um condicionante, tornando o homem tanto produtor como produto (cf. RABUSKE, 1986, p. 49). Ciência, homem e cultura formam um amálgama que representa todo o patrimônio intelectual, étnico e social de um determinado povo, naturalmente plural, diverso. A diversidade cultural existente pressupõe que haja uma realidade cultural muito singular com parâmetros próprios para cada sociedade, onde tudo encontra sentido e significado lógico, pois essa realidade cultural é o resultado da história dos povos. No entanto, há outro fator a ser analisado: as ideologias e seus sistemas hegemônicos de crença gerados pelas descobertas e interpretações que cada cultura realizou ou que lhe foram impostas. E dentre os períodos antigo, medieval e moderno, é justamente a cultura desse último que exerce mais influência sobre nossa contemporaneidade, e não falamos de qualquer modernidade, mas da modernidade cunhada na Europa dos séculos XVII à XIX e disseminada por suas expansões coloniais.

A ciência moderna e seus ideais

A modernidade está sempre relacionada ao novo, a um rompimento com uma tradição instaurada, mas na história do pensamento ocidental, o termo ficou marcado como o período que vai do século XVII ao XIX. Não há como negar que somos herdeiros dessa "tradição moderna", principalmente porque inculturamos dela toda uma forma de pensar e agir, assumindo seus conceitos, teorias e perspectivas a ponto de se tornarem o comum, o ordinário e o natural. Por definição o moderno acredita que

o novo seja sempre melhor que o antigo, sendo o *progresso* uma necessidade existencial. Tudo tende ao melhoramento, ao aperfeiçoamento.

Como bem expôs Marcondes (2004, p. 139-156), a modernidade é fruto de três fatores históricos marcantes no pensamento ocidental, que demarcam a ruptura com o medievo: o *humanismo renascentista*, a *reforma protestante* e a *revolução científica*. Cada um desses acontecimentos contribuiu com uma reformulação de ideais, interpretações e posicionamentos humanos diante da vida. Com o *humanismo renascentista* rompemos com a visão teocêntrica medieval e passamos a uma visão antropocêntrica, motivo que levou a revisita dos clássicos de nossa herança greco-romana, o que fora associado a uma crise na cristandade incentivada pelos ideais da *reforma protestante*. Lutero propôs uma reforma baseado na *regra da fé*, de matiz paulina e agostiniana, que reza que a fé individual é suficiente para a correta interpretação da mensagem divina, não precisando mais de uma mediação institucional para tal, o que gerou nos indivíduos uma recusa da autoridade autoproclamada mediadora da verdade e a valorização da consciência individual. Assim, o cenário foi sendo constituído propiciamente para a revogação do *status quo* medieval, que recebeu o terceiro e último golpe com o movimento iniciado com o heliocentrismo copernicano, que instigou uma revolução no campo da ciência. Munidos de novos conhecimentos cosmológicos, os cientistas modernos puseram em dúvida o método contemplativo dos antigos e adotaram uma postura pautada na observação e na experimentação. Cabia agora entender os fenômenos, descrevê-los, experimentá-los e aplicá-los a nossos interesses. Estariam então montadas as bases do pensamento moderno, fiado em uma razão

que posteriormente Adorno e Horkheimer denominarão "instrumental" (cf. NASCIMENTO, 2018, p. 42-59).[8]

Com essas bases, a ciência moderna ancorou seu barco na concepção da *subjetividade*, que tem no famoso *cogito ergo sun* cartesiano seu lema principal. Fez-se assim a era do *Eu*, uma entidade portadora de certezas, verdades, valores, autoconsciência e autonomia. A partir da subjetividade a ciência moderna estabeleceu que a razão humana precisa apenas de um método que elimine distrações e induções ao erro. E foi no *Discurso do Método*, de R. Descartes (2010, p. 75-76), precisamente em seu capítulo II, que enunciam-se as quatro regras científicas básicas da ciência moderna:

> 1. Somente tomar por verdadeiro aquilo que se apresente como imediatamente claro e evidente;
>
> 2. Dividir o objeto de estudo no maior número de parcelas possíveis;
>
> 3. Sempre ordenar a análise indo do mais simples ao mais composto (complexo), construindo uma "cadeia de razões"; e

8 "A aporia com que nos defrontamos em nosso trabalho revela-se assim como o primeiro objeto a investigar: a auto-destruição do esclarecimento. Não alimentamos dúvida nenhuma – e nisto consiste nossa *petitio principii* – de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor. Contudo, acreditamos ter reconhecido com a mesma clareza que o próprio conceito deste pensamento, tanto quanto as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, contém o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda parte. Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre este elemento regressivo, está selando seu próprio destino. Abandonando a seus inimigos a reflexão sobre o elemento destrutivo do progresso, o pensamento cegamente pragmatizado perde seu caráter superador e, por isto, também sua relação com a verdade". (ADORNO; HORKHEIMER, 1986, p. 13).

4. Revisar todas estas etapas, ou seja, o todo, agora sintetizado, a fim de constatar sua veracidade ou falsidade.

O método cartesiano foi aplicado tanto para suas argumentações físicas, quanto para as de teor metafísico. A proposta de Descartes é uma herdeira da tríade de fatos históricos de acima mencionada, aspirando por uma renovação de uma ciência até pouco tempo marcada fortemente por concepções escolásticas e dogmáticas. Esta renovação visava, principalmente, a ciência da física, mas precisava da aceitação tanto da comunidade científica quanto da Igreja – representada pelos doutores da Faculdade de Teologia de Paris –, sendo a dessa última para não cair na desgraça de um Galileu ou de um Bruno, motivo pelo qual optou por expor suas teorias de forma gradativa.

Sua ousada proposta assumia como ponto de partida *a dúvida*, um recurso metodológico que teria o papel de estabelecer algo de constante nas ciências e, por isso, deveria ser universalizada. Tudo deveria estar suscetível à dúvida. A filosofia deixava, assim, de ser o resultado final das ciências – como estava sendo tratada na época de Descartes – para ser o *pressuposto* das ciências, quer dizer, a filosofia agora teria a função de fundamentar e, assim, possibilitar as ciências. Nessa perspectiva, a dúvida metódica serviria como um filtro, nos ajudando a se desvencilhar daquelas "certezas" que adquirimos ao longo do tempo, aquisições realizadas em sua maioria, segundo o filósofo, de forma inadequada.

Por esse motivo, o *método* proposto será o momento em que o espírito estará livre de todos os cuidados, não por experiência, mas por decisão: a decisão de considerar falso, ou duvidoso, tudo que não se apresentar como evidente e claro. Esta decisão gera uma busca

pela essência, ou melhor, pelo princípio, fundamento e alicerce que sustenta o "edifício do saber humano". A modernidade assume com essa postura uma crença absoluta na razão, sendo essa forma de fazer ciência sua modalidade mais eficiente e acabada.

As consequências dessa crença na ciência já estavam escritas nas entrelinhas de seus idealizadores. Quando Francis Bacon (1997, p. 33) afirmou que "Ciência e poder do homem coincidem", ele acaba por instaurar uma ruptura entre conhecimento e sabedoria – algo tão bem percebido por Eric Weil[9] –, pois o conhecimento não possui mais apenas um valor edificante e educacional, uma busca do sentido, mas assume um teor senhoril frente à natureza e à nossa organização política, econômica e social. A especialização das ciências fez com a natureza perdesse sua dimensão materna e assumisse uma catastrófica condição servil. A partir de agora apreenderíamos sua lógica, não mais para entendê-la e nos *com-formarmos* a ela, mas para direcioná-la, ou quiçá alterá-la, a nosso bel prazer e necessidades.

9 "A sabedoria reconheceu a impossibilidade disso: a individualidade pode se manter tal, e será então expressão poética ou violência; ela pode também se manter como individualidade razoável; nesse caso, ela não será pura e simplesmente razoável, mas pensamento que se atém a uma atitude particular e a explicita; ela pode, enfim, aceitar, individual e concretamente, o movimento da liberdade que é a razão; então, com efeito, ela renuncia à individualidade e aceita a morte daquilo que só vivia na recusa da coerência agente. Mas essa renuncia é morte apenas para o que foi superado e é vida plena e inteira para aquele que, sem renunciar àquilo em que o movimento se torna concreto, aí se liberta realmente como homem e como razoável; não se trata de forma alguma de morrer para o mundo, de desprender-se dele, de retirar-se dele; não se trata de ser sábio fora do mundo ou ao lado dele, mas no mundo." (WEIL, 2012, p. 616).

Nesse sentido, a filosofia deveria ser o fundamento das ciências, mas para isso ela própria deveria também mudar, como bem explica Descartes (2010, p. 109):

> em vez dessa Filosofia especulativa que se ensina nas escolas, se pode encontrar uma outra prática, pela qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam, tão distintamente como conhecemos os diversos misteres de nossos artífices, poderíamos empregá-los da mesma maneira em todos os usos para os quais são próprios, e assim nos tornar como que senhores e possuidores da natureza.

Senhores e possuidores da natureza... É justamente aqui que passamos em nosso texto do nascimento da ciência moderna para sua ambição de domínio do mundo. Domínio. Esse afã humano, que discriminadamente impõe a tudo que não é humano a condição de servo – incluam-se aqui os humanos desumanizados pela perda de seus direitos. A supremacia da razão humana frente à natureza e seus fenômenos é um projeto que fora delineado por nossa crença no progresso, o que fica bastante claro ao considerarmos o positivismo de A. Comte, que definiu a tarefa da ciência nesses termos: "Assim, o verdadeiro espírito positivo consiste sobretudo em ver para prever, em estudar o que é, a fim de concluir disso o que será, segundo o dogma geral da invariabilidade das leis naturais" (COMTE, 1978, p. 49). Ver para prever, entender para aplicar, aplicar para progredir. Por que isso nos soa tão óbvio e certo?

A crença na ciência assumiu na modernidade até nossos dias um status megalomaníaco. É óbvio que não estamos aqui contestando a ciência enquanto tal, afinal já mencionamos que ela se identifica a própria existência humana no mundo (existe ciência

porque existe humanidade e, complementarmente, a humanidade continua aqui porque existe ciência). O que questionamos é o vislumbrar de uma posse do mundo pelo homem. Podemos definir isso de forma simples ao pensar que um cavalo não traz em sua natureza ser um "animal de montaria", afinal ele não foi criado para ser montado, ou seja, sua existência não é acessória a outro ser, a saber, ao homem. Mas nosso mencionado afã de domínio nos levou a crer que sim, que a natureza está a nosso serviço e benefício.

E por mais que essa não tenha sido uma consequência desejada pelos pensadores modernos, foi a isso que sua perspectiva científica nos levou. O alemão Hegel chegou a afirmar que: "Sob o *aspecto formal*, mesmo uma má ideia, que porventura passe pela cabeça dos homens, é superior a qualquer produto natural, pois em tais ideias sempre estão presentes a espiritualidade e a liberdade" (HEGEL, 2001, p. 28). Impondo uma lógica que nos fez assumir como óbvio e certo pensar altivamente. Por isso, a crítica de Zygmunt Bauman é pertinente e visceral:

> A ciência moderna nasceu da esmagadora ambição de conquistar a Natureza e subordiná-la às necessidades humanas. A louvada curiosidade científica que teria levado os cientistas "aonde nenhum homem ousou ir ainda" nunca foi isenta da estimulante visão de controle e administração de fazer as coisas melhor do que são (isto é, mais flexíveis, obedientes, desejosas de servir). Com efeito, Natureza acabou por significar algo que deve ser subordinado à vontade e razão humanas. (BAUMAN, 1999, p. 48).

Nossa situação atual, de caos ecológico e de insuficiente adequação social, política e econômica no sentido de estagnar ou reverter esse quadro catastrófico surge como alerta para a necessária reformulação de nossa ciência, que não pode mais assumir, como salienta Bauman

(1999, p. 37-38), a via metodológica de domesticação final das forças naturais, primando tão somente por sua execução sistemática e impiedosa de *um plano racional cientificamente concebido*. O que pode ser somado ao lúcido parecer de Edgar Morin, em sua denúncia de que "hoje, parece-nos racionalmente necessário repudiar toda a 'deusa' razão, isto é, toda razão absoluta, fechada, auto-suficiente. Temos de considerar a possibilidade de evolução da razão" (MORIN, 1996, p. 166). Essa evolução na verdade tem haver com uma tomada de consciência das consequências desse ideal senhoril assumido por nossa ciência e, consequentemente, por nossas sociedades. Ainda com Morin, temos que despertar de nosso sono dogmático para compreender que

> A razão fechada era simplificadora. Não podia enfrentar a complexidade da relação sujeito-objeto, ordem-desordem. A razão complexa pode reconhecer essas relações fundamentais. Pode reconhecer em si mesma uma zona obscura, irracionalizável e incerta. A razão não é totalmente racionalizável. (MORIN, 1996, p. 168).

Reconhecer que somos herdeiros de todas as consequências que apresentamos até aqui é algo necessário para que possamos nos conhecer e prospectar o que devemos nos tornar para romper com essa estrutura. Em um adendo a suas aulas, recolhido por um de seus alunos e posteriormente agregado à edição de sua *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, encontramos a seguinte sentença de Hegel: "o presente concreto é o resultado do passado, e está prenhe do futuro" (HEGEL, 1997, p. 60). Assim, cientes do que sabemos em relação ao passado e do que estamos fazendo no presente, tentemos prospectar um amanhã com um novo ideal de ciência que nos permita *ser-com*, em vez de *dominar* a natureza.

Referências

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

BACON, F. **Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da Natureza**. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

COMTE, A. **Discurso sobre o espírito positivo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978

DESCARTES, René. *Discurso do Método*. In: DESCARTES, R. **Obras escolhidas**. São Paulo: Perspectiva, p. 59-121, 2010.

FREIRE-MAIA, Newton. **A Ciência por dentro**. Petrópolis: Vozes, 1990.

HEGEL, G. W. F. **Cursos de Estética** – *Volume I*. São Paulo, Edusp, 2001.

HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em compêndio (1830)** – *Volume II: Filosofia da Natureza*. São Paulo: Loyola, 1997.

HEIDEGGER, Martin. **Os problemas fundamentais da fenomenologia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

KLUCKHOHN, Clyde. **Antropologia: um espelho para o homem**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1963.

LOCKE, John. **Ensayo sobre el entendimiento humano.** México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: *dos pré-socráticos a Wittgenstein*. Rio de. Janeiro: Jorge Zahar, 2004.